

O lugar da mulher na Suça: perceptos e afetos no engendramento do corpo feminino nas manifestações tradicionais

“Autor” (Universidade de Brasília - UnB)¹

RESUMO

O presente texto é fruto de um estudo a respeito da espetacularidade do corpo feminino na suça tocantinense, manifestação tradicional que engloba dança e música. Uma tradição centenária que tem como matriz formadora a mistura de rituais oriundos de cosmologias e tradições africanas, indígenas e portuguesas inserida nas festas religiosas de diversas regiões brasileiras, que se reflete nos movimentos e gestos da dança e nos instrumentos musicais. Neste artigo pretendo trazer ao debate aspectos das relações entre gênero e cultura tomando como recorte contextual o feminismo negro (Gonzales, 1982a, 1982b, 2020; Ribeiro, 2020) e a suça, como expressão cultural no estado do Tocantins. Tal proposta de interlocução mostra como a ausência de pesquisas que trazem a voz feminina tem inviabilizado o reconhecimento do lugar e o papel das mulheres na suça, ocultando assim o caminho de sua referência na história. Na tradição nagô a ancestralidade feminina é representada por pássaros, assim destaco o corpo feminino na suça como arquivo vivo, mães-pássaros agindo na produção do seu ninho de tradições. Destarte reconhecer o direito que essas guardiãs da memória têm de exercer sua voz poderá apontar para novas formas de (re)conhecimento da mulher nas manifestações tradicionais rompendo com a invisibilidade do seu lugar no universo da cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocologia; Suça; Mulheres na suça; Feminismo negro.

ABSTRACT

This text is the result of a study about the spectacularity of the female body in Tocantins Suça, a traditional manifestation that encompasses dance and music. A centuries-old tradition whose formative matrix is the mixture of rituals from African, indigenous and Portuguese cosmologies and traditions, inserted in religious festivals in different Brazilian regions, which is reflected in the movements and gestures of dance and musical instruments. In this article, I intend to bring to the debate aspects of the relations between gender and culture, taking black feminism as a contextual approach (Gonzales, 1982a, 1982b, 2020; Ribeiro, 2020) and Suça, as a cultural expression in the state of Tocantins. This proposed interlocution shows how the absence of research that brings the female voice has made it impossible to recognize the place and role of women in Suça, thus hiding the path of their reference in history. In the Nagô tradition, female ancestry is represented by birds, so

¹Doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB).

I highlight the female body in the Suça as a living archive, mother-birds acting in the production of their nest of traditions. Thus, recognizing the right that these guardians of memory have to exercise their voice may point to new forms of (re)cognition of women in traditional manifestations, breaking with the invisibility of their place in the universe of Brazilian culture.

KEY WORDS: Ethnology; Suça; Women in Suça; Black feminism.

Notas introdutórias

*E nela se aloja um eu.
Um corpo separado dos outros,
e a isso se chama de 'eu'?
É estranho ter um corpo onde se alojar,
um corpo onde sangue molhado corre sem parar,
onde os olhos tantas vezes devem ter chorado.
Ela é um 'eu'
Clarice Lispector*

Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado em andamento intitulada “*Ninho de Suceiras: narrativas/espetacularidades do corpo feminino na suça de Natividade-TO*”. Ao longo da pesquisa a ideia de *ninho*² é ressignificada enquanto espaço poético para reflexões e experimentações, um lugar afetivo, de intimidade e reconhecimento; seja ele no concreto ou no imaginário como fala Gaston Bachelard (1998). Esse poema de Clarice Lispector surge como fragmento das experimentações vivenciadas por mim, enquanto mãe, esposa, bailarina e pesquisadora, durante a crise sanitária mundial do Coronavírus em 2020/2021. É nesse estado pandêmico, de incertezas e isolamento social que inicio o processo criativo dos solos *Ninho Azul e Ninho Vermelho*³. Neles faço uma reflexão sobre o momento vivido, no espaço restrito em que habito, a minha relação com o eu, o outro e o mundo.

Assim nasce o meu *ninho*, um corpo separado dos outros que eu chamei de ‘eu’, meu corpo-ninho, mergulhado em estranhezas. Um corpo que sentia profundamente o sangue correr, e que por vezes se viu em lágrimas, mas que encontrou na incerteza um caminho para se reconhecer e abrir passagem para a proposição de uma nova relação

² “Eis o ninho vivo, o ninho habitado. O ninho é a casa do pássaro” (BACHELARD, 1998, p.259).

³ Processo criativo solo desenvolvido durante a pandemia do Corona Vírus em estado de isolamento, apresentados via plataforma youtube no dia 18 de setembro de 2020.

Link: Ninho Azul - https://youtu.be/mX7_EewbWU4 Ninho Vermelho - <https://youtu.be/HQhn0YucJps>

com minha pesquisa acadêmica. Para pensar o corpo feminino presente na suça, manifestação cultural de herança africana, busco na tradição nagô a referência da ancestralidade feminina representada por pássaros. O corpo é então “arquivo-vivo” (ANTONACCI, 2014) de mulheres-pássaros, agindo na produção do seu ninho de tradições.

A partir de uma trajetória espiralada e rizomática (Deleuze; Guattari, 1995) vislumbro os corpos femininos fazedores da suça, que ganham vida no ninho e, alimentados dessa tradição, crescem, se fortalecem, alçam voo. Estes corpos vão transformando e sendo transformados pelas relações, dando continuidade às tradições moventes no engendramento da sua própria história. Nesta partilha dos corpos com o espaço concreto e a subjetividade das relações inicia-se a concepção do espaço poético, chamado *Ninho de suceiras*.

É nesse lugar poético entre a tradição/sagrado/profano e os corpos femininos que dela participam, buscando destacar as protagonistas desse ritual, que se entrelaçam os caminhos da pesquisa de doutoramento denominada *Ninho de Suceiras*. A proposta é compreender os processos de produção, incorporação e renovação desta manifestação, vivenciados entre gerações, por meio da autorrepresentação da corporeidade feminina negra das mulheres e meninas que integram o Grupo de Suça Mãe Ana, e o Grupo de Suça Tia Benvinda na cidade de Natividade/TO.

Neste artigo pretendo trazer ao debate aspectos das relações entre gênero e cultura tomando como recorte contextual o feminismo negro (Gonzales, 1982a, 1982b, 2020; Ribeiro, 2020) e a suça, como expressão cultural no estado do Tocantins. Uma tradição centenária que tem como matriz formadora a mistura de rituais oriundos de cosmologias e tradições africanas, indígenas e portuguesas inserida nas festas religiosas de diversas regiões brasileiras, que se reflete nos movimentos e gestos da dança assim como nos instrumentos musicais. Nesse sentido possibilitar novos lugares de fala, (re)conhecendo o potencial expressivo e transformador das meninas e mulheres suceiras, “que habitam este lugar, esta cultura, esta tradição de fé” (DORNELES, 2016, p.24). Mulheres que atuam como guardiãs, agenciadoras de transformações e ressignificações dessa memória.

Tal proposta de interlocução se justifica pela ausência de pesquisas que trazem a voz feminina, no que se refere ao registro da suça no estado do Tocantins. Desta lacuna resulta a invisibilização do lugar e do papel das mulheres na suça, ocultando assim o caminho de sua referência na história. Destarte reconhecer o direito que essas guardiãs

da memória têm de exercer sua voz poderá apontar para novas formas de (re)conhecimento da mulher nas manifestações tradicionais rompendo com o ocultamento do seu lugar no universo da cultura brasileira, entendendo que não basta estar nos registros oficiais, mas é necessário abrir espaço para suas próprias narrativas da história.

Este estudo, a pesquisa de campo junto as meninas e mulheres suceiras, foi realizado na cidade de Natividade, interior do estado do Tocantins. Apresento primeiramente a voz de duas protagonistas, Dona Felisberta Pereira da Silva, coordenadora e idealizadora do Grupo de Suça Mãe Ana, e Veronica Tavares Albuquerque, professora da rede municipal de ensino de Natividade, idealizadora e coordenadora do Grupo de Suça Tia Benvinda.

A construção deste artigo parte da entrevista realizada no ano de 2021 com Dona Felisberta e a com professora Veronica, e de duas leituras de modo especial, o livro “O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual de Lélia Gonçalves (1992), e o livro “Lugar de fala” de Djamila Ribeiro (2020). Assim, o primeiro passo para compreender o lugar que a mulher ocupa na suça, foi questionar quem é a mulher da suça? Qual o lugar ela ocupa nessa comunidade? É então reconhecendo a importância de se partir “do seu lugar de fala”, como destaca Djamila Ribeiro, que essa narrativa se fundamenta nas mulheres que dançam, ensinam e rememoram a suça na cidade de Natividade, que fazem da suça sua vida.

Trajetivaespiralda de um encontro

Em tempos sombrios de incertezas luta-se contra o esquecimento, o silenciamento dos corpos femininos que se fazem presentes em vários locais e momentos da história. Coloco-me então enquanto pesquisadora, em processo de descolonização, entre as memórias e a corporeidade das meninas e mulheres da suça, guardiãs desta *tradição viva* (HampâteBâ, 1982), entendendo este lugar como coletivo e social. No entanto, assim como destaca Djamila Ribeiro (2020), respeitando meus limites como mulher branca, afinal “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo” (RIBEIRO, 2020, p. 83).

Nos últimos anos venho me dedicando ao estudo do corpo feminino dançante nas manifestações tradicionais brasileiras. Assim me aproximo desse universo dançante

que permeia o tempo espiralar das folias, das catiras e da suça para refletir o lugar da mulher junto a esses corpos femininos espetacularizados pulsantes, na tentativa de contribuir para o registro de uma memória coletiva e feminina que se origina dessa experiência. Destacando que “(...) é um risco esta escrita, pois é tênue a linha da apropriação cultural” (VIEIRA, AMOROSO, p. 278, 2018).

A suça é uma manifestação de origem africana, que desembarca em terras brasileiras onde a cultura negra vai refazendo seus pilares, como um processo de reconhecimento, esparramando-se pelas Américas e por diversas regiões do Brasil. Sobre a cultura negra a pesquisadora Maria Antonietta destaca que “seu protagonismo transborda em tempos e espaços do Novo Mundo” (ANTONACCI, 2018, p.328).

Destarte é necessário abandonar discursos eurocêntricos pautados em modos de pensar, barbarizar e denegar povos e culturais africanas, em especial corpos femininos negros nas manifestações tradicionais. Nesse contexto, este estudo destaca a importância das tradições vivas, parte de um mundo “visível e sentido como sinal, concretização, envoltório de universo invisível” (HampâteBâ, 1982: 187), e de se registrar as narrativas de suas protagonistas, corpos femininos imersos nos saberes tradicionais enquanto campo de resistência, “explosão de cores, gestos, ritmos” (ANTONACCI, 2014, p. 20) e que deixaram rastros-resíduos⁴.

No início de 2020, em meio à crise pandêmica do coronavírus, encontro novos caminhos para minha pesquisa de doutorado. Nesse momento delicado e de tanta incerteza decido entrar em contato, ainda por telefone, com os grupos de suça, através de suas coordenadoras, Dona Felisberta Pereira da Silva, do Grupo Mãe Ana e Veronica Tavares Albuquerque, do Grupo Tia Benvinda. Apresentei-me, iniciamos um primeiro instante de troca. Importante ressaltar que moro em Palmas, capital do Tocantins, distante 233 km da cidade de Natividade, onde os grupos residem. Foi dia a dia, com ligações sem hora para acabar, que aos poucos Dona Feliz e Veronica foram colocando suas dificuldades, as necessidades dos grupos por apoio para continuar suas ações. Ao mesmo tempo foram sendo lançadas oportunidades de projetos via Lei Aldir Blanc⁵ para os artistas do estado do Tocantins.

⁴Para Glissant, os rastros-resíduos tratam de um pensamento não sistemático, fragmentado, que se desenvolve a partir da poética para recuperar, por meio da memória, os rastros-resíduos dos povos despojados (GLISSANT, 2011).

⁵A Lei Aldir Blanc ([LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020](#)), dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante a estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Disponível em

E assim nessa trajetividade espiralada e ao mesmo tempo rizomática, de trocas e partilhas, juntas foram sendo propostas as intersecções dos nossos lugares de fala, eu, Dona Feliz e Veronica, construindo nosso ninho de suceiras, ainda que de forma virtual, até que no segundo semestre de 2021 pudessem ser estabelecidos os primeiros contatos presenciais.

Corpos – “Arquivo-vivo” de mundivivências

Com as bênçãos do Divino, de Jesus nosso senhor, com as bênçãos do Divino, de Jesus nosso senhor, é o Grupo de Mãe Ana no momento aqui chegou, ai aiai, nois bate suça e tambor, ai aiai, nois bate suça e tambor. Com as bênçãos do Divino e a Virgem Nossa Senhora é o Grupo de Mãe Ana que aqui canta sem demora, ai aiai, que aqui canta sem demora.

Felisberta Pereira da Silva

Peço aqui licença, permissão, para juntamente com Dona Felisberta e professora Veronica, trazer a história da suça pelo corpo e voz de quem vive essa cultura que conta a história de tantas outras que já vieram, e ainda estão por vir. A suça em Natividade-Tocantins, é uma manifestação centenária que mescla cosmologias africana, indígena e portuguesa. Uma manifestação cultural que chega ao Tocantins com os descendentes africanos que vieram trabalhar nas minas de ouro e tradicionalmente é dançada nas festas religiosas, nos pousos de folia do Divino Espírito Santo e de Santos Reis, nas festas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora dos Remédios, na festa do Capitão do Mastro do Divino, de São João Batista e nas festas do Congo. Em cada região e festividade se apresenta de forma singular, com variedade de instrumentos, toques e passos de dança.

Para Dona Felisberta, coordenadora do Grupo de Suça Mãe Ana, e que desde menina dança a suça na região, a suça⁶ é muito mais que uma dança:

Na verdade, o significado de suça é barulho, é zuada, como a gente fala, é barulho, é bagunça, é folguedos. Mas a *suçatambém* era onde o negro falava com Deus, ela acordava os deuses ancestrais, ele saudava a lua,

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm Acesso em 10 de julho de 2021.

⁶A suça é pronunciada pelos dançarinos e dançarinas, músicos e fazedores dessa manifestação como sussa, sússia e sussia. No que se refere a grafia foram encontradas diferentes formas de se empregar o termo suça, assim como sussa, sússia, suça, suscia. Nesta pesquisa será adotada a grafia ‘suça’, assim como pela ASCUNA - Associação Cultural de Natividade (2012), visto que se aproxima da pronúncia adotada pelos integrantes dos grupos participantes do presente estudo.

ele saudava a mãe natureza, ele saudava o nascimento do filho (Felisberta Pereira da Silva, entrevista realizada em 27 de julho de 2021).

Dona Felisberta Pereira da Silva tem 62 anos, nasceu no sítio Jacuba em Natividade/TO, cidade situada a 233 km da capital, Palmas. Descendente de escravos⁷ pelo lado paterno e de índios pelo materno, segundo ela “negra com muito orgulho”. É Mestreira Suceira, Fitoterapeuta, Benzedeira e Rezadeira, Artesã e Trançadeira, criadora e responsável do Grupo de Suça Mãe Ana, desde o ano 2000.

Para Dona Feliz, como carinhosamente gosta de ser chamada, é muito importante manter a sua tradição, que vem da cultura negra, a suça seria um elo entre os escravos. Assim, ela assume há 21 anos a responsabilidade por todas as ações que envolvem o Grupo Mãe Ana, desde apresentações em eventos oficiais até as gravações de cds e dvds. Durante a Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, cabe a ela organizar o lugar em que os tocadores vão se sentar, distribuir as saias para as mulheres, dar entrevistas à televisão, dançar e fazer brincadeiras com as pessoas que acompanham a roda nos momentos que antecedem a suça e durante a dança.

Nossa segunda protagonista é Veronica Tavares de Albuquerque, nascida em Nazaré da Mata, Pernambuco. Tem 40 anos, professora da rede municipal de ensino de Natividade desde 2009, leciona as disciplinas de História e Geografia. Idealizadora do Grupo de Suça Tia Benvinda, criado em 2017 como resultado de um projeto extraclasse da escola Nossa Senhora de Fátima, a partir de um estudo sobre a história da cultura da cidade de Natividade. O projeto tomou grandes proporções e deixa a escola para passar a envolver crianças e adolescentes de toda a comunidade. Hoje o grupo tem 30 integrantes, entre meninos e meninas. Importante trazer a história da professora Veronica, recém-chegada na cidade, ao se encontrar com a suça pela primeira vez:

Quando eu vi pela primeira vez uma roda de suça é como se eu tivesse me transferido sabe, assim, parece que eu fui viver lá no período do século XVIII, ali no meio dos nossos antepassados, vivendo aquela cultura assim tão viva. Porque é muita vida que tem, a gente sabe do sofrimento que foi passado, mas a resistência, a alegria, a cultura viva estava ali, nossa! Eu não sei explicar assim em palavras o sentimento,

⁷O termo “escravos” foi utilizado no relato de dona Felisberta Pereira da Silva, coordenadora do Grupo de Suça Mãe Ana. Atualmente o termo correto seria “escravizado” que indica com mais propriedade que o negro era submetido, portanto contra a sua vontade, ao trabalho escravo. O termo escravo deixa subentendido que a escravidão era inerente ao negro.

mas era algo assim, uma felicidade que a gente sente no corpo, não é?! Essa felicidade (Veronica Tavares de Albuquerque, entrevista realizada em 22 de maio de 2021).

A pesquisadora Maria Antonieta Antonacci, discorre sobre esse sentido comunitário encarnado em performances africanas que chegam ao Brasil e vem sendo ressignificadas em cada comunidade. Nas palavras da estudiosa esses saberes africanos “preservam e atualizam memórias de corpo forjado enquanto arquivo vivo, corpo cultivado como ‘transdutor de códigos’” (ANTONACCI, 2018, p.111). A suça é uma manifestação que tem como fio condutor os saberes e fazeres da oralidade, ou como diria Leda Maria Martins (2003), pelos gestos grafados, pela voz, e pelo corpo transmutados em conhecimento denominados pela autora como *oralitura*.

Nesse sentido o corpo vivo da suça converte gestos, posturas e expressões durante a representação dessa tradição, fruto de memórias e histórias ancestrais que se ressignificam como arquivo vivo ao longo de gerações de mulheres. Assim os gestos da mulher e da menina suceira vão produzindo, transformando e sendo transformados pelas relações, dando continuidade às tradições moventes no engendramento da história dessa comunidade, se configurando enquanto “atos vitais de transferência” (ANTONACCI, 2018) possibilitando novos lugares de fala, (re)conhecendo o potencial expressivo e transformador das meninas e mulheres suceiras. Dona Feliz responde sobre o corpo dançante da suça e suas reverberações nos traz:

Como se meu espírito voasse e eu tivesse toda a liberdade do mundo, eu fosse encontrar, eu acho que o elo dourado, sei lá como é que fala, aquela alegria imensa aquela leveza, aquela liberdade. É tanto que, eu posso estar com algum problema, é por uma música de suça, que esqueço tudo. O tambor, o som do tambor, ele fala em nosso coração e não importa sua cor, na hora que você ouve o tambor, você sente dentro de você que tem alguma coisa acordando (Felisberta Pereira da Silva, entrevista realizada no dia 27 de julho de 2021).

A suça é aqui como um tambor vibrando dentro do corpo que se põe em liberdade quando dança traduzida enquanto tradição viva, e assim os corpos que dela fazem parte passam a agir como “arquivos-vivos” (ANTONACCI, 2018). Em Natividade, as mulheres e meninas do Grupo Mãe Ana e Tia Benvinda assumem o compromisso com o que seria esse “ato vital de transferência”, pois a suça não está naquela comunidade, ela é a comunidade, história e memória de um povo. Uma relação que se dá de forma tão profunda, que “o seu corpo fala com você, a forma que você

vai dançar, o que você quer fazer, e ali é quando eu digo que o tambor fala com a sua alma, o som do tambor fala” (Felisberta Pereira da Silva, 2021).

Nessa perspectiva, reconhecer o direito que o corpo feminino tem de exercer sua voz “vibrátil” (Daniela Amoroso, 2021) que ressoa por toda uma comunidade na qualidade de memória em trânsito e em processo, significa (re)conhecer, como diria Leda Maria Martins (2021), “uma voz constituída de várias vozes”.

A suça é corpo feminino vibrátil, é dança. A noção de dança é aqui proposta a partir dos estudos do dramaturgo nigeriano EsiabaIrobi, que destaca a forma poderosa com que os seres humanos podem apreender a vida e o mundo através dos sentidos, sentidos que vibram no continente africano e nos povos em diáspora. Para EsiabiIrobi:

(...)a dança acompanhada pela música representa a arte suprema, porque a dança é concebida como principal meio para codificar a percepção do nosso mundo interior e exterior, nosso mundo transcendente, nossa história espiritual; a memória em sua complexidade histórica. Se falarmos de pintura, dança, (...) escultura ou de uma performance, isto nos remeterá ao corpo, que é o principal canal de expressão artística. (Irobi, 2012, p. 278).

Nessa perspectiva a suça de Natividade, herança das cosmologias de povos africanos, onde instrumentos musicais e cantos conectam-se a corpos sem fronteira, é símbolo de uma cultura de encruzilhada (Martins). Um ritual que se pauta por um tempo ancestral, um “tempo espiralar”, que segundo MARTINS, 2021 seria um *locus* em movimento, um presente *continuum*, que não se contenta com a linearidade, não se modula. Imerso em uma temporalidade curva e que cineticamente se refaz e assim “todos os sistemas semióticos se juntam e são simultaneamente experienciados” (MARTINS, 2021).

A partir do exposto seria possível apontar para novas formas de (re)conhecimento da mulher nas manifestações tradicionais rompendo com a invisibilidade, silenciamento ou ocultamento do seu lugar no universo da cultura brasileira? Qual o lugar da mulher na suça? Antes de mergulharmos nessa questão, é necessário entender um pouco da história da mulher e sua trajetória na sociedade para desvelar como as relações de gênero estão presentes e influenciam a visibilidade e condição da mulher nas culturas tradicionais.

Gênero e cultura na suça

Dona Feliz e Professora Veronica são mulheres que se assumem como “negras com muito orgulho”, e que têm grande representatividade na cultura do Estado do Tocantins. Partindo da força das narrativas destas protagonistas, busquei referências para a melhor compreensão do lugar da mulher na sociedade, e como historicamente o ser “mulher negra” interferiu, e ainda tangencia, o lugar das mulheres nas manifestações de cultura tradicional.

Em “Lugar de Fala”, Djamila Ribeiro traz como a referência o pensamento da filósofa panamenha Linda Martín Alcoff sobre a “necessidade de se pensar outros saberes” (Ribeiro, p. 27, 2020). Estes saberes, no contexto brasileiro, estariam relacionados ao conhecimento de:

(...) mulheres de terreiro, das Ialorixás e Babalorixás, das mulheres do movimento de luta por creches, lideranças comunitárias, irmandades negras, movimentos sociais, outra cosmogonia a partir de referências provenientes de religiões de matriz africanas, outras geografias de razão e saberes. (RIBEIRO, p.27, 2018).

Portanto, reconhecer a visibilidade das mulheres e meninas da suça trazendo o foco para sua narrativa sobre a história desta tradição, é oportunizar a descoberta de novos saberes conhecendo a história pela perspectiva feminina. É preciso desestabilizar e transcender o discurso masculino, que por vezes se coloca como soberano nesta narrativa. De forma ainda mais importante, o discurso externo representado pelo pesquisador, que por vezes impõe suas impressões sobre o que vê, descrevendo de forma superficial a história destas manifestações tradicionais.

Impulsionada por essas inquietações e leituras, fui instigada a realizar uma investigação que permeasse a área dos estudos feministas e sua relação com as manifestações culturais tradicionais, entendendo que no cerne desta experiência se abrem possibilidades para acessar o universo feminino, seus saberes e fazeres, imersos na cultura e tantas vezes silenciados, ocultos ou marginalizados. O desafio se deu na atitude de não negar o outro, masculino, participante ativo e atuante nessa história, mas reconhecer as narrativas femininas atravessada por fluxos de luta, resistência e por vezes silenciada. Aqui se entrelaçam os pensamentos e estudos de Lélia Gonçalves (1992) de Djamila Ribeiro (2020), e a história da suça contada por Dona Feliz e Professora Veronica.

Além deste apoio teórico, busquei na Etnocenologia a orientação para me aproximar dos grupos de suça, “a partir de seu interior e do que compreendem que estão fazendo os seus fazedores” (GRAÇA, 2016, p. 92). Em função da pandemia da Covid-19 e das normas de distanciamento, primeiro iniciei as vivências que ocorreram de forma virtual. Depois, ocorreram encontros presenciais somente com as coordenadoras dos grupos.

Segundo Armindo Bião (1999), a palavra etnocenologia em sua etimologia significa: etno, que tem origem em raça, etnia e diversidade cultural da humanidade em sua singularidade e pluralidade; e ceno que vem de skênos, do grego, que significa corpo em seus diferentes contextos. Pensando no corpo feminino em seus diferentes contextos de atuação na suça que nasce a questão: Qual o lugar da mulher na suça?

O lugar de fala é o ponto de partido, conceito discutido por porDjamila Ribeiro (2020, 54), é o ponto de partida para se pensar o lugar da mulher. Entendo que este lugar se refere justamente ao “lugar social” que as mulheres negras ocupam, no que diz respeito a suça, o lugar dessa mulher na comunidade, em casa e no grupo de suça. O outro ponto de apoio para pensar essa “mulher na/da suça” é o registro do orgulho que as coordenadoras dos grupos de suça têm ao se definirem como “mulheres negras”. A esse respeito Djamila pontua: “Definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora” (RIBEIRO, 2020, p. 44). D. Feliz e Veronica assumem essa identidade reivindicadora de mulher negra reafirmando seu papel como sujeito, histórico e como exemplo para as outras mulheres e meninas dos grupos.

Lélia Gonzales, filósofa, antropóloga, professora, militante do movimento negro e feminista, destaca a liderança das mulheres negras nas religiões de matriz africana, como o candomblé, exercendo a função de Yalorixás. Em seus estudos ela ressalta a grande capacidade de comando das mulheres nas comunidades. Assim também Dona Feliz e Professora Veronica, que atuam como liderança em seus grupos, fazendo a articulação da história, memória da suça e atuando diretamente na transmissão e na transformação dessa tradição na comunidade de Natividade.

Para professora Veronica é difícil para a mulher negra assumir um lugar de protagonismo, de liderança. A criação rigorosa, rígida, dada pelos pais antigamente mantinha a mulher em um lugar de silenciamento, de submissão. Segundo ela:

Assim, eu percebo que cada degrau que a gente vai subindo é muito difícil, tem muita gente que não valoriza a voz da mulher, principalmente da mulher negra. Eu me sinto uma ativista cultural, e eu acho que esse papel através da cultura que a gente tem desenvolvido é fundamental para dar essa visão as mulheres. Eu acho muito importante esse olhar diferenciado e essa luta diária que a gente faz para mostrar que nós temos o nosso lugar sim, não é querer ser melhor do que ninguém, mas podemos ter as mesmas oportunidades, eu acho que é nesse sentido (Veronica Tavares de Albuquerque, entrevista realizada em 22 de maio de 2021).

A mulher, de forma ainda mais incisiva a mulher negra, foi por muito tempo isolada e reduzida a um corpo inexpressivo. Este cenário social de invisibilidade tem ainda hoje como protagonista o racismo e o sexismo, lutas amplamente discutidas pela pesquisadora Lélia Gonzales (1982, 2008, 2020). No entanto, como destaca a estudiosa Djamila Ribeiro, isso não significa que essa mulher negra não tivesse tentado falar, ela só não foi ouvida. Segundo Dona Feliz, coordenadora do Grupo de suça Mãe Ana, o lugar que a mulher ocupa na sociedade vem mudando:

Na época daquele machismo na qual eu fui criada, eu não tinha condição de pegar um microfone, de dar uma palestra, de falar, de convidar o pessoal pra participar, às vezes até contar uma piada pra descontrair. Jamais eu poderia fazer isso, e hoje eu falo. Mudou muito, não só na suça, mas na sociedade em si, mudou muito (Felisberta Pereira da Silva, entrevista realizada em 27 de julho de 2021).

Diante dessas mudanças é possível pensar a suça como espaço de ampliação da atuação da mulher? Seria possível pensá-la enquanto um movimento de resistência e autoafirmação, em que as mulheres assumem um lugar central? A professora Veronica traz algumas contribuições no que diz respeito a essas questões:

O grupo de suça é um lugar de empoderamento, é um lugar de despertar, é um lugar de reafirmar ou se reconhecer pertencente àquela cultura ao seu lugar. E para as minhas meninas, e o meninos também, do Grupo de Suça Tia Benvinda, eu percebo essa evolução, no conhecimento, na fala, até as notas mudam. A mente fica mais aberta porque conhece pessoas diferentes, conhece linguajar diferente, pesquisam também. Então assim, eu acho que é um crescimento muito grande porque livra daquela limitação de somente está entre a escola e em casa, está em um outro lugar vendo outras atividades, vivendo de fato a cultura ali do dia a dia (Veronica Tavares de Albuquerque, entrevista realizada em 22 de maio de 2021).

Dona Feliz reafirma que a mulher passou por grandes transformações e que as manifestações culturais auxiliaram nesse processo de valorização da mulher. Para ela “a mulher está ocupando esse espaço, não é usurpando, é que ela de repente descobriu

que ela poderia fazer isso”. Essas transformações vieram carregadas de uma enorme luta, ainda em processo, que traz à tona a construção de uma figura feminina que vai além do corpo. Lélia Gonzales convida-nos a conhecer não só o passado de escravidão da mulher negra bem como a sua situação desigual na sociedade, e que fazem dela a parcela mais inferiorizada da sociedade brasileira.

As protagonistas da suça de Natividade trazem, de forma indireta, a luta contra o racismo estrutural, articulando as relações entre gênero e raça na sua comunidade. Ao mesmo tempo, demonstram que a cultura pode ser um caminho de empoderamento e ressignificações⁸.

Então qual o lugar da mulher na suça?

As lideranças em Natividade respondem. Para Dona Felisberta, coordenadora do Grupo de Suça Mãe Ana, há mais de 20 anos, suceira desde criança, descendente de escravos, mulher negra, esposa e mãe:

No Grupo Mãe Ana a mulher tem poder de voz de decisão, ela pode opinar, ela pode liderar, ela pode dançar, tocar, pode, é tranquilo. Se eu não posso eu falo com Dolores ela faz a mesma coisa. Dolores você pode fazer isso para mim, eu não tô tendo condição, ela diz tudo bem. Eu acho que a gente se sobressai basta querer, ficar ali “Aí, mas o povo pode fala”, se não gosta problema deles, eu vou mostrar, vou trazer o meu recado, a minha mensagem eu vou deixar (Felisberta Pereira da Silva, entrevista realizada em 27 de julho de 2021).

Para Veronica Tavares de Albuquerque, coordenadora do Grupo de Suça Tia Benvinda, formado por crianças e adolescentes desde 2017, mulher negra, esposa e mãe:

O lugar da mulher na suça é onde ela quiser! Ela pode estar onde ela quiser, se ela quiser tocar um instrumento ótimo, se ela quiser cantar também, dançar, criar os próprios versos de suça, como nós temos no grupo mulheres criando os próprios versos. Então assim, pode o que quiser, não existe preconceito, não existe nada que impeça a visão, a imagem da mulher na suça de Natividade (Veronica Tavares de Albuquerque, entrevista realizada em 22 de maio de 2021).

O processo de pesquisa e entendimento do lugar da mulher nas manifestações tradicionais ainda é um percurso grande, repleto de desafios, encontros e experiências. Durante esse período junto as coordenadoras dos grupos de suçapude aprender muito sobre a importante trajetória da mulher negra ao longo da construção da história da suça na cidade de Natividade. Uma história que se expande por outras cidades do estado, tendo como marca a presença ativa de mulheres negras que juntas vem superando um

⁸ A suça pode possibilitar “(...) outras formas de ser mulher no mundo” (RIBEIRO, 2020, p. 51)

duro processo de discriminação, que engloba questões de raça, classe e sexo. Um processo de tríplice discriminação (GONZALES, 1982), que acaba definindo um lugar de subalternização da mulher.

Notas finais

A luta da mulher negra começa desde a figura da escrava, uma resistência cotidiana, na liderança de quilombos, agenciando e organizando fugas e revoltas. Ao longo da história ela foi enquadrada em categorias passando a ocupar posições domésticas e muitas vezes servindo de “produto de exportação”, objeto de exploração sexual. Ainda hoje as atribuições profissionais definidas para as mulheres negras se mantiveram, passando, no entanto, a ocupar uma posição de destaque dentro das comunidades e na grande maioria das vezes sustentando sua família.

Importante destacar o papel das manifestações culturais nas comunidades como caminho de fortalecimento das mulheres, de forma especial as mulheres negras, que assumem e mantêm posições de poder sobre homens e mulheres brancas, de classe média, demarcando o que simboliza uma inversão do poder. Assim como descrito por Dona Feliz e Professora Veronica, a cultura pode possibilitar novas perspectivas para as meninas e mulheres negras, pode ser um caminho de enfrentamento, resistência, empoderamento e transformação do seu lugar na sociedade, quebrando barreiras e mostrando que “O lugar da mulher na suça é onde ela quiser!”

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ, 2014.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Corpos negros: “arquivo vivo” em epistême de “lógica oral”**. In: EpistemologíasdelSur, 2018.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

BIÃO, Armindo; GREINER, Christine (org). **Etnocenologia, textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia. "Mulher negra". In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 29-47.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. In: Rios, Flavia; Lima Márcia (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Lisboa: Sextante, 2011.

IROBI, Esiaba. **O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora**. Projeto História, São Paulo, n. 44, pp. 273-293, jun. 2012

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo e da memória: os congados**. O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estética, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**. In: Seminário Leda Maria Martins: Pensamentos e Poéticas, 18 de maio, 2021, Brasília.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais)

VELOSO, Jorge das Graças. **Paradoxos e paradigmas: A etnocenologia, os saberes e seus léxicos**. In: Repertório, Salvador, nº 26, p.88-94, 2016.

VIEIRA, Nara Córdova; AMOROSO, Daniela Maria. **Andeja nos Ventos: pesquisa criação artística das mulheres Corta-Ventos da Banda de Congo José Lúcio Rocha de Airões MG**. V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Manaus: ANDA, 2018. p. 274-287.